

VISÕES DE WILLIAM BLAKE



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORA – ARLEY RAMOS MORENO

EDUARDO DELGADO ASSAD – JOSÉ A. R. GONTIJO

JOSÉ ROBERTO ZAN – MARCELO KNOBEL

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

Alcides Cardoso dos Santos

VISÕES DE WILLIAM BLAKE
IMAGENS E PALAVRAS EM
JERUSALÉM A EMANAÇÃO DO GIGANTE ALBION

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Santos, Alcides Cardoso dos.
Sa59i Visões de William Blake: imagens e palavras em *Jerusalém a Emissão do Gigante Albion* / Alcides Cardoso dos Santos. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

1. Blake, William, 1757-1827. 2. Crítica literária. 3. Crítica textual. I. Título.

ISBN 978-85-268-0812-6

CDD 801.95

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|----------------------|--------|
| 1. Crítica literária | 801.95 |
| 2. Crítica textual | 801.95 |

Copyright © by Alcides Cardoso dos Santos

Copyright © 2009 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

*Aos meus filhos Rafael e Tatiana,
meu fio da meada de ouro.*

Agradeço

à CAPES pelo auxílio-deslocamento concedido durante a elaboração deste trabalho; ao professor doutor Marcos Antonio Siscar, pela orientação e pela lição de que é possível unir o intelecto à generosidade; ao professor doutor Fábio Akcelrud Durão, pelas sugestões e pela apresentação; aos meus pais, que me ensinaram a tolerância e o perdão.

SUMÁRIO

NOTA EXPLICATIVA.....	9
APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO	17
<i>JERUSALÉM A EMANAÇÃO DO GIGANTE ALBION</i>	31
<i>Um p(r)o(f)eta contra o poder</i>	31
<i>A arte de William Blake</i>	52
<i>Jerusalém a Emissão do Gigante Albion</i>	60
<i>Iluminando os sentidos: no caminho de Jerusalém</i>	82
ESPECTROS E EMANAÇÕES	97
<i>As fontes de Jerusalém</i>	97
<i>A iconografia de Jerusalém</i>	125
<i>As “Artes Irmãs”</i>	140

ILUMINURAS	157
<i>Além da referência e da figuratividade</i>	157
<i>O Comparativismo e a tirania do logos</i>	173
<i>Movimentos</i>	182
<i>Deslocamentos</i>	194
CONCLUSÃO.....	221
BIBLIOGRAFIA.....	239

NOTA EXPLICATIVA

As abreviaturas usadas se referem aos poemas de William Blake na edição de David Erdman (1988a), que serviu de referência para este trabalho e que pode ser acessada na Internet no *site* <<http://jefferson.village.virginia.edu/blake/>>. Tanto os títulos dos poemas quanto os poemas serão referidos em português usando a tradução brasileira, quando houver, e em tradução própria, quando não houver tradução disponível. As letras maiúsculas e a pontuação serão mantidas como no original.

- J *Jerusalem the Emanation of the Giant Albion / Jerusalém a Ema-
nação do Gigante Albion*
- TRU *All Religions are One / Todas as Religiões são Uma*
- RF *The French Revolution / A Revolução Francesa*
- APR *America a Prophecy / América uma Profecia*
- CIE *Songs of Innocence and Experience Shewing the Two Contrary
States of the Human Soul / Canções da Inocência e da Experiên-
cia Mostrando os Dois Estados Contrários da Alma Humana*

- HRNa *There is no Natural Religion* (parte a) / *Não há Religião Natural*
(parte a)
- HRNb *There is no Natural Religion* (parte b) / *Não há Religião Natural*
(parte b)
- CCI *The Marriage of Heaven and Hell* / *O Casamento do Céu e do*
Inferno
- AP *Public Address* / *Ao Público*
- CD *Descriptive Catalogue* / *Catálogo Descritivo*
- VJF *A Vision of the Last Judgement* / *Uma Visão do Julgamento Final*
- EP *Europe a Prophecy* / *Europa uma Profecia*
- M *Milton a Poem in Two Books* / *Milton um Poema em Dois Livros*

A referência a versos específicos nas placas será feita pela apresentação, entre parênteses, do número da placa — de 1 a 100, além do frontispício — seguido do número do verso citado, separados por vírgula. Assim, por exemplo, (J 20, 11-12) deve ser entendido como *Jerusalém a Emissão do Gigante Albion*, placa 20, versos 11 e 12.

As traduções do poema são de minha autoria. Quando houver referência a alguma tradução já existente, ela será feita em nota de rodapé.

APRESENTAÇÃO

Fábio Akcelrud Durão

O livro que o leitor tem agora em mãos reveste-se de um interesse duplo. Trata-se, antes de mais nada, do primeiro estudo de fôlego sobre William Blake publicado no Brasil, um texto que, assim, preenche uma lacuna lamentável nos estudos literários de nosso país. Tão mais lamentável pelo que há de fascinante nesse poeta singular e em sua estranha adequação aos dias de hoje. Como bem demonstra Alcides Cardoso dos Santos, Blake é um autor inclassificável: nem romântica nem classicista (ainda que mais próxima da primeira), sua poesia é fruto de uma mitologia rigorosamente idiossincrática (ainda que faça uso de diversas figuras tradicionais); ela obriga o leitor a comportar-se quase como diante de uma língua estrangeira. Isto Blake tem em comum com Wallace Stevens, e possivelmente com Emily Dickinson: somente nos vemos familiarizados com o universo do autor quando abandonamos o dicionário bilíngüe das equivalências — o que determinado item representa ou o que ele quer dizer — para, penetrando

no sistema poético único, retirar o sentido dos elementos a partir de sua internalidade, da interação que estabelecem entre si. *Visões de William Blake* fornece uma primeira experiência desse processo de decifração e aclimatação ao estranho, e como tal desempenha o importante papel de uma boa introdução à obra de um escritor tão hermético.

No entanto, para além da complexidade imaginativa do poeta, traço comum de uma tradição transistórica e transnacional de escrita (e talvez até propriedade de toda poesia), Blake é um autor *sui generis* pela própria forma de corporificação de sua arte, pela materialidade, ela mesma mista, com a qual é confeccionada: pintura pela técnica da água-forte e gravura, livro pela abundância da letra, pela presença de uma narratividade inegável, óbvia nos poemas épicos, mas também detectável em sua lírica e sátira. Tomados isoladamente, as chapas dão origem a quadros; em conjunto, fazem livros. Mas as gravuras não podem simplesmente ser concebidas individualmente, porque constroem uma história; e tampouco podem ser vistas como livros, por causa do seu tamanho e da dificuldade de manuseio: as pinturas exigem distância de visão, o justo contrário da intimidade da leitura solitária, em voz baixa. Santos tem o mérito de chamar a atenção para o quanto é insatisfatória a abordagem costumeira, que apenas lê Blake, e não o vê; ou melhor, que não consegue ler o visto. Nas *Canções de Inocência e de Experiência*, por exemplo, favoritas nos cursos de graduação em língua e literatura inglesa, quais são os professores que realmente entrecruzam cor e som? Quem leva a sério as imagens, para além de uma mera ilustração introdutória à análise dos poemas?¹

1 Como no célebre caso, ao qual faz Santos menção, do Tigre terrível em palavra e aparentemente dócil na pintura.

Surpreendentemente, esse amálgama que é a obra de Blake se ajusta muito bem a esse outro meio combinador de palavra e imagem, que é o meio digital. Para quem não quer pagar mais de 200 dólares pela edição colorida dos poemas, a melhor forma de estudar suas imagens é pela Internet, no *site* fornecido por Santos. Lá é possível tanto ter acesso à totalidade de suas iluminuras, lendo-as em ordem, como livro, quanto ampliar e checar os detalhes de cada quadro. Talvez fosse possível defender que apenas com a digitalização a obra de Blake tenha encontrado sua materialidade mais propícia, a maneira mais conveniente de circulação e manuseio. Mas essa curiosa rima do poeta com nosso presente não se resume a isso. A natureza profética de Blake, a força com que impõe uma visão que é indelevelmente *sua*, advinda da *sua* imaginação, mas que comunica, atrai o leitor para seu universo próprio, convencendo-o de sua coerência — essa força imaginativa tem um apelo especial em um tempo como o nosso, no qual as utopias parecem se enfraquecer e a capacidade de vislumbrar algo de radicalmente outro vai se retirando do horizonte mental dos indivíduos, mesmo, e principalmente, daqueles acostumados a habitar outros mundos ficcionais, outras épocas e outras culturas. Faz sentido que Thomas Harris tenha escolhido “The Great Red Dragon and the Woman Clothed in Sun” como gravura que alucina o psicopata Francis Dollarhyde em *O dragão vermelho* (livro e filmes) — mas um sentido perverso, porque associa a força da imaginação ao Mal, em oposição ao pretenso paraíso sem ambigüidades da família nuclear burguesa.²

2. Cf. F. A. Durão, “A Short Circuit of Reading: Red Dragon as Anti-Theory”, *Iowa Journal of Cultural Studies*. Iowa City, 2004, vol. 4, pp. 19-26.

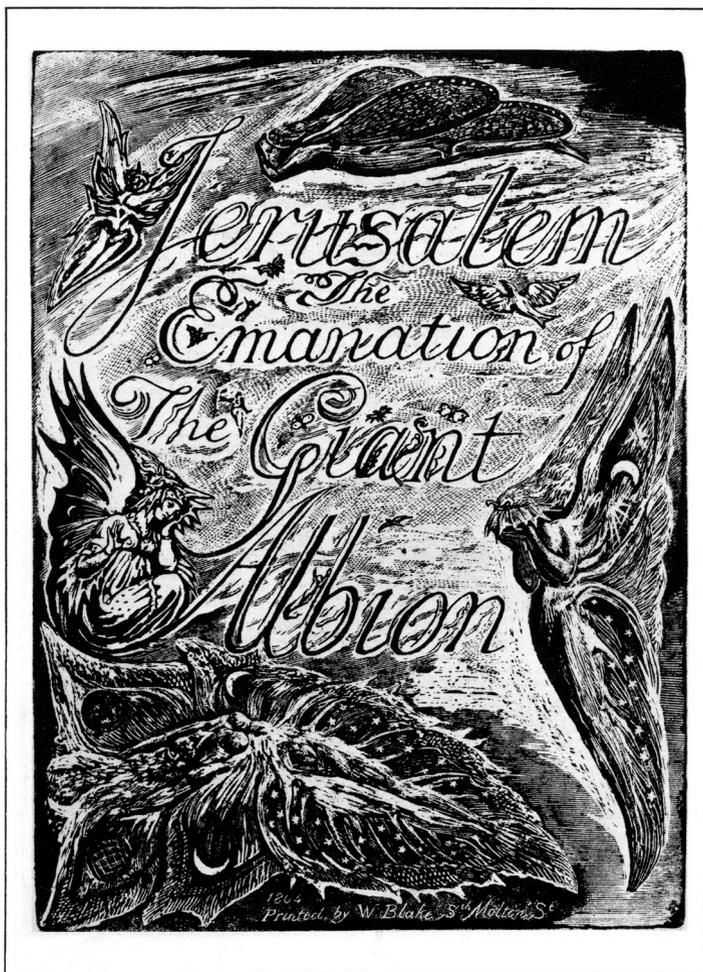
O primeiro interesse de *Visões de William Blake*, portanto, é o de apresentar o poeta para o público brasileiro, seja para quem aprecia literatura, ou quem é amante das artes plásticas. Há no livro, porém, um outro plano, que perpassa o anterior e também merece ser observado. Trata-se da preocupação teórica de Santos de interpretar o poeta segundo o prisma da desconstrução de Jacques Derrida. Blake aqui é visto como um desconstrutivista *avant la lettre*, devido ao que seria a natureza indecidível de sua obra. Seja por meio da oposição entre detalhe do desenho e sentido geral da imagem, ou entre o que diz a poesia e o que mostra a pintura, Santos defende que a tensão gerada por esses vetores não pode ser resolvida em um plano superior, mas permanece, insistentemente, como uma fissura, uma falha ou vazio no interior do texto/imagem, impedindo assim que se chegue a uma certeza absoluta a respeito do sentido da obra de Blake, seja em sua origem ou seu fim. Adversários da desconstrução argumentam que esse método de leitura depende de uma prévia reivindicação de fundamentação absoluta, contra a qual se voltaria o trabalho de desfutura do desconstrutor. Tal reivindicação, observam, não é imprescindível; as diferentes formas de discurso poderiam simplesmente funcionar sem ter que fazer recurso a uma clareza ou presença sem restos. No caso de Blake, a suspeita seria a de que a indeterminação não levaria inevitavelmente à indecidibilidade, e que as tensões entre imagem e texto poderiam ser analisadas em cada ocorrência específica, não precisando assim ser generalizadas como um traço determinante da obra de Blake como um todo. Além disso, a escatologia do autor, componente estrutural de sua visão profética, implicaria necessariamente uma teleologia, que se mostraria incompatível com a visada desconstrutivista. Esses pontos, assim como outros que se pode-

riam ainda levantar, encontram respostas e contra-argumentos no próprio livro de Santos, que se apresenta como um palco propício para a encenação de embates teóricos, algo que não acontece no Brasil com frequência.

Uma introdução a um escritor ímpar, conhecido mas pouco estudado, que tem muito a nos dizer hoje, e uma entrada direta em um sofisticado e atual debate da teoria literária: não é pouco o que o leitor pode ganhar com o livro que tem agora em mãos.



Placa 1



Placa 2

INTRODUÇÃO

Por que deve a Punição Tecer o Véu com Férreas Rodas de Guerra
Se o Perdão tecê-lo-ia com Asas de Querubim?

Jerusalém 22, 34-35

A dominação e a crueldade têm sido as características mais notáveis dos sistemas de pensamento criados, ao longo da história, para explicar as coisas do céu e da terra. Seja pelas lentes da religião, da ciência ou da arte, a necessidade de organizar o conhecimento tem resultado em hipóteses concebidas a partir das relações percebidas entre fatos, que amiúde se transformam em regras e leis que fundamentam os sistemas de conhecimento. Extraíndo das manifestações particulares o que têm de geral, as abstrações no âmbito da religião, da ciência e da arte logo se tornam prescritivas e reguladoras, impondo às diferentes formas de pensamento e existência uma generalidade que lhes é alheia, estranha. Esse caráter prescritivo e regulador é geralmente institucionalizado no estatuto da lei, um produto social que tem na impessoalidade e na atemporalidade sua garantia de verdade e sua força de cumprimento. Os sistemas de pensamento que têm na lei sua lógica de funcionamento e sua garantia de verdade anulam ou excluem as

diferenças para a manutenção de sua lógica, o que fazem dominando e subjugando as manifestações divergentes de sua lógica ou questionadoras de suas verdades. Ao se distanciar da imaginação e se fundar sobre a lógica racionalista e científica, a humanidade acaba por enxergar, sob o véu do racionalismo, a dominação como única forma de progresso, passando a exercê-la de forma cruel, com fervor religioso, precisão científica ou obstinação artística.

Os sistemas de pensamento criados ao longo da história da humanidade não prescindiram do sacrifício para a manutenção de sua lógica e de suas verdades, demonstrando a indissociabilidade entre os sistemas de pensamento criados ao longo da história, a dominação e a crueldade. Os mártires, que fazem parte da lógica sacrificial desses sistemas de pensamento, tornam-se mártires por não poderem se tornar heróis, sob o risco de serem uma ameaça ao funcionamento desses sistemas, pois os heróis permitidos são aqueles que reiteram as leis e as verdades dos sistemas que os aclamaram. A lógica da dominação e do sacrifício faz da intolerância para com a diferença uma forma de abnegação em favor da coletividade, uma forma de altruísmo que transforma o destino trágico do futuro herói em presente glorioso de mártir, aquele cuja vida passa a ter valor somente quando é não-vida, quando é morte.

Em linhas gerais, esse é o movimento que o poeta, gravurista e pintor inglês William Blake (1727-1857) percebe na forma de existência por ele denominada de “circunferência”, forma de existência histórica do homem ao longo dos séculos. No domínio da circunferência, a percepção humana é reduzida aos cinco sentidos, o pensamento é restrito à lógica racional e científica e a imaginação é cerceada pelo que o poeta chama de arte “oficial”, uma forma de arte preconizada

pelas classes dominantes política e economicamente como a verdadeira arte, a ser apreendida por todos que almejam ao estatuto de artista. Nesse domínio são criadas as leis da religião, da ciência e da arte, prescritivas da uniformidade de comportamento e da lógica que caracterizam esses sistemas de pensamento históricos.

No âmbito da religião, Blake percebe o desenvolvimento da dominação e da crueldade primeiramente nas formas de religião pré-cristãs, que tinham no sacrifício sua forma de interagir com os deuses, considerados entidades independentes e mais poderosas que o homem, capazes tanto de gerar quanto de destruir a vida. Eliminando o sacrifício como meio de acesso aos deuses, ao mesmo tempo que reduzia o panteão pagão a um deus único, mais benevolente e menos cruel que os deuses pagãos, o cristianismo desenvolve a dominação e a crueldade na forma de moralismo, que serviu de esteio para as várias formas de dominação histórica dessa religião, tais como as Cruzadas, a Inquisição e o que Blake chama de Religião Oficial, a Igreja com o suporte político e econômico das classes dominantes e do Estado. Mesmo adotando formas mais brandas de dominação, devido à prática cada vez mais difundida das indulgências, a deidade cristã ainda mantém o caráter punitivo e prescritivo do comportamento e do pensamento, necessário à manutenção desse sistema religioso, que tem na exterioridade e na intangibilidade da divindade sua mola mestra. Um dos desdobramentos mais importantes do cristianismo no século XVIII foi a Religião Natural ou Deísmo, sistema filosófico-religioso formado pela associação entre a instância divina e a natureza, ambas externas ao homem.

No âmbito da ciência, os desenvolvimentos filosóficos do humanismo renascentista também culminaram na formação de sistemas de pensamento baseados na dominação, sobretudo

do na primazia que a racionalidade passou a ter sobre a imaginação. Seja na forma de dúvida cartesiana (*cogito ergo sum*), na *ratio* dos sentidos de Hobbes e Locke ou na difícil relação das categorias transcendentais com a fenomenologia do senso comum em Kant, o *logos* sempre foi a instância última à qual todos os sistemas de pensamento se reportavam e onde buscavam sua legitimidade. As contradições percebidas nesses sistemas por alguns pensadores na relação entre as proposições e seus enunciados ou na própria lógica do sistema eram desconsideradas, e aqueles que nelas insistiam não raro se tornavam vítimas da lógica do sacrifício, como o demonstrariam, quase 150 anos depois, Adorno e Horkheimer em *A dialética do Esclarecimento*. O sistema filosófico que conseguiu incorporar as contradições no próprio âmbito de sua lógica foi a dialética hegeliana, na qual os elementos contraditórios são assimilados em uma nova forma de pensamento que não nega as oposições, mas as conduz a uma síntese que é superior à soma das partes. O pilar desse sistema de pensamento fundamentado no *logos* é a teleologia, a concepção de que toda forma de existência tem uma finalidade e um fim e que todas as forças devem ser orientadas para atingir esse fim. O pensamento de que os fins justificam os meios é um desdobramento dessa forma de pensamento teleológico que demonstra a dominação em seu funcionamento.

No âmbito da arte, os sistemas se manifestam na formação das tradições e na importância que passam a ter, institucional e politicamente, na manutenção do poder pelas classes dominantes. Apesar de permitirem um certo grau de liberdade e mesmo de contestação ao *status quo*, as tradições se mostram como leis prescritivas da arte na medida em que determinam os valores artísticos que regulam o campo do artístico (Bourdieu, 1996). Ao elegerem aspectos da arte como princípios